JUBILEU DO MARTÍRIO DO PADRE HENRIQUE

6º Domingo da Páscoa – Ano C

Catedral de Olinda

Queridos irmãos e irmãs,

A primeira palavra de Deus nessa celebração nos vem não apenas dos livros da Bíblia e sim da vida e da história de nossa Igreja. Vem através da figura do padre Antônio Henrique Pereira Neto, cuja tortura e martírio completam 50 anos nesses dias. O jovem Antônio Henrique foi ordenado padre pela imposição das mãos de Dom Helder Câmara, então Arcebispo de Olinda e Recife, no dia do Natal de 1965. Já como seminarista, fez curso de Psicologia nos Estados Unidos e estudou Sociologia para trabalhar com a juventude. Dom Helder o nomeou coordenador arquidiocesano da Pastoral da Juventude - PJ. Para sobreviver, ele trabalhava como professor em três colégios da cidade.

Na noite do 26 de maio de 1969, quando saía de uma reunião com um grupo de jovens em Casa Forte, ele foi visto pela última vez na praça de Parnamirim, entrando em um carro com desconhecidos. No dia seguinte, o corpo foi descoberto no meio de um matagal na Cidade Universitária. Na circular escrita na noite de 27 de maio de 1969, Dom Helder escrevia: “De repente, às 13h30 me chegou a notícia: O padre Antônio Henrique foi assassinado. Depois de certa busca, o corpo foi encontrado no Instituto Médico Legal, onde entrou como cadáver desconhecido. Tinha terríveis sinais de tortura e execução: três balas na cabeça, golpe de punhal na garganta, sinais de que ele foi arrastado com uma corda pelo pescoço e assim por diante. Tinha apenas 28 anos de idade e três anos e meio de padre. Seu único crime: trabalhar com os estudantes e ser amigo do arcebispo”.

Em 1969, o Brasil enfrentava violenta ditadura militar e muitos jovens estudantes, militantes de movimentos sociais e partidos de oposição eram perseguidos, torturados e não poucos assassinados. No entanto, o padre Henrique foi o primeiro a ser assassinado por ser coordenador de pastoral e padre, ligado à Igreja mais inserida e comprometida com os pobres, como queria Dom Helder e agora propõe o papa Francisco.

No dia 22 de agosto de 2012, de comum acordo com a família do Pe Henrique e na intenção de dar maior visibilidade e atualidade ao caso e, sobretudo, fazer justiça, foi feita a exumação do seu corpo que se encontrava no Cemitério da Várzea e seus restos mortais foram transladados para esta Igreja Catedral. Cinco dias após, em 27 de agosto, por ocasião da celebração dos 13 anos do falecimento de Dom Hélder Câmara, cujo corpo foi também exumado dias antes, após emocionante Celebração Eucarística, foi feita a procissão com os restos mortais de Dom Hélder, Dom José Lamartine Soares, seu querido bispo auxiliar e Pe Antônio Henrique Pereira, para a primeira capela ao lado direito de quem adentra à esta Catedral, cuidadosamente preparada para acolher os restos mortais desses heróis que são parte importante da história desta secular Igreja de Olinda e Recife.

Nesses 50 anos que agora se completam, desde o martírio do padre Henrique, no Brasil e em toda a América Latina, já contamos com enorme quantidade de mártires. Muitos camponeses, operários, índios, mulheres inseridas na caminhada social, gente de sindicatos. Todos eles são testemunhas do projeto divino no mundo, portanto são mártires da boa nova do Reino. Jesus os proclamou bem-aventurados, por terem sofrido por causa da justiça. Desses não poucos irmãos e irmãs eram agentes de pastoral; religiosas como a irmã Adelaide Molinari, na Amazônia e a irmã Dorothy Stang, no Pará; presbíteros como padre Josimo Tavares, em Tocantinópolis, Ezequiel Ramin, em Rondônia e Antônio Henrique, aqui entre nós. E mesmo bispos como Dom Enrique Angelelli, na Argentina, Dom Juan Gerardi na Guatemala e Dom Oscar Romero, que o papa Francisco canonizou no ano passado. Entre todos esses, talvez o padre Henrique tenha sido de todos o mais jovem e aquele do qual menos se podia afirmar que fazia trabalho de conteúdo diretamente político. A sua figura de padre que andava sempre de alpercata de couro e camisa de mangas curtas revelava uma forma de compreender o ministério presbiteral como companheiro e servidor da juventude na qual se inseria. No entanto, o fato dele ser um padre consagrado à Pastoral e à educação da juventude o tornava perigoso para um sistema que só admite um pensamento único e exclui as pessoas que pensassem diferente.

Nesse 6º domingo da Páscoa, o evangelho que acabamos de ouvir continua o discurso que, conforme o quarto Evangelho, Jesus fez aos discípulos depois da ceia. De certa forma, essas palavras que escutamos agora no Evangelho constituem o ponto mais alto do discurso de Jesus: a maior promessa que ele faz aos seus discípulos: o dom do Espírito que o Pai enviará, cuja solenidade de Pentecostes estaremos celebrando dentro de quinze dias, concluindo também a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Jesus tinha dado aos discípulos o mandamento do amor, tinha se dirigido sempre a eles como comunidade. Agora, insiste em uma intimidade pessoal: “Se alguém me ama e guarda as minhas palavras, meu Pai o amará e nós viremos a ele e nessa pessoa faremos morada”. No primeiro testamento, Deus tinha prometido vir habitar nas pessoas (Jr 31, Is 7). Agora, Jesus vem revelar que o Pai e Ele mesmo não aceitarão mais ficar confinados apenas em templos de pedra. Virão, sobretudo, habitar em qualquer pessoa que ame e nesse amor se mantenha fiel à proposta de Jesus. Esse amor reúne as pessoas em grupo e a essa comunidade, Jesus promete a energia divina que o Pai lhes enviará, o sopro divino de vida nova que os evangelhos traduzem por “Espírito Santo”. O Espírito Divino vem, diz Jesus, para lembrar tudo o que eu disse. Isso significa para nos ajudar a aplicar a palavra certa para o contexto justo. É o Espírito que deu força ao padre Henrique para ser fiel até o fim e nos dá força para viver o mesmo testemunho no nosso modo de viver.

Hoje, a melhor forma de recordar o martírio do padre Henrique é retomar o rosto de uma Igreja pela qual ele deu a vida. O rosto de uma Igreja, como pediam os bispos, um ano antes na conferência de Medellín: “uma Igreja libertadora de toda a humanidade e de cada pessoa na sua integralidade”(Medellín – documento 5 sobre a Juventude, v. 15). E nos comprometer a fazer de nossa Igreja Particular uma profecia viva de comunhão. Que nós todos, padres e leigos, sigamos as palavras e testemunho de Jesus e do seu mártir Henrique e não caiamos na sedução de uma religião fascinada pelo poder e pelo prestígio do mundo.

Na primeira leitura dessa missa, os Atos dos Apóstolos nos lembram que já na Igreja primitiva, havia grupos de tendências diversas dentro da comunidade. Uns mais abertos para fora e outros mais presos às tradições judaicas. Os apóstolos souberam dialogar e encontrar uma linha em comum. Precisamos aprender a lição e ter coragem de nunca desistir desse diálogo e dessa busca de unidade na diversidade. A segunda leitura do livro do Apocalipse nos diz que nessa nova realidade de uma Igreja unida, na nova Jerusalém, já não existe templo porque o próprio Deus é o templo e a presença dele através do seu Espírito nos guiará na vida à verdade completa.

Que o testemunho do mártir padre Henrique, com sua alegria e jovialidade, mesmo no meio dos conflitos que já naquela época ecoavam no nosso próprio meio eclesial nos anime e nos fortaleça para sermos sempre uma Igreja pascal e a serviço do povo.

Deus nos ilumine nesse caminho.

Dom Antônio Fernando Saburido

Arcebispo de Olinda e Recife



Olinda 26 de maio de 2019.